



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC
FACULDADE REGIONAL DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS DE BARBACENA -
FACEC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELIZAMA FRANCIANE DA COSTA

A IMAGEM DA VELHICE COMO ESPELHO DESPEDAÇADO

BARBACENA
2014

ELIZAMA FRANCIANE DA COSTA

A IMAGEM DA VELHICE COMO ESPELHO DESPEDAÇADO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Helder Rodrigues Pereira

**BARBACENA
2014**

Elizama Franciane da Costa

A IMAGEM DA VELHICE COMO ESPELHO DESPEDAÇADO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Dr. Helder Rodrigues Pereira
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof.^a Me. Ivânia Fátima de Carvalho Moura
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof.^a Me. Maria Margarete Pinto Chaves
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Dedico este trabalho a Deus, autor da minha existência. Deus, que verdadeiramente não escolhe os capacitados mas capacita aos escolhidos. Aos meus pais, ao meu irmão, familiares e amigos. Ao meu namorado, pelo apoio nesses cinco anos. A todos que estão presentes na minha jornada.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, acima de tudo, pela força, proteção, coragem, saúde, sabedoria e provisão. Deus, grande é a tua fidelidade. Agradeço-te pelo teu infinito amor e grande misericórdia, que me levantou do pó e escreveu uma nova história a meu favor. Ao Senhor, que tudo pode, a honra e a glória seja dada toda a Ti, por mais esta vitória. Deus, eu sei hoje: o senhor tudo pode, e nenhum dos seus planos podem ser impedidos. Agradeço por sempre estar na frente de tudo e por pelejar por mim. Deus, que tem o poder de trazer à existência na nossa vida tudo aquilo que não existe. Sou grata a Deus que fez meu sonho se tornar realidade!

Aos meus pais pelo amor, exemplo, dedicação, confiança e orações. Orações que foram capazes de abrir portas e suprir todas as minhas necessidades. Ao meu irmão, pela ajuda em momentos difíceis, pelo apoio nesses cinco anos. Pelo sorriso e palavras amigas que me deram forças para continuar a caminhada. Ao meu namorado, sempre presente, obrigada pelo amor, compreensão e apoio. Sou grata imensamente a todos vocês. Vocês são imensamente preciosos para mim, pois são partes do meu eu.

Sou grata ao meu querido orientador Helder Rodrigues Pereira pela dedicação, explicações, paciência, correção e apoio. Por me ensinar um pouco sobre Lacan e ajudar-me a alcançar o conhecimento mais aprofundado em uma discussão que enlaçou a Psicanálise e a velhice. Agradeço-te profundamente pelo grande esforço em fazer com que esse trabalho se concretizasse. Obrigada por esta conquista!

Agradeço a banca examinadora: Ivânia Fátima de Carvalho Moura e Maria Margarete Pinto Chaves, por contribuírem para que este trabalho se aprimorasse ainda mais.

Agradeço a tia Aparecida e ao tio Waltencir, pelo apoio.

Em especial, aos grandes amigos que Deus levantou para me ajudar: Juliane, Efigênia e Jorge, Marilene e Pastor Geraldo, Patrícia, Alcilene, Sebastião e Sandra, Valéria, Lucília. Agradeço a todos!

Agradeço aos colegas de classe que me permitiram aprender e crescer juntamente com eles. Sou grata aos mestres, que tanto me ensinaram e fizeram diferença na minha formação.

“Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toailete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência”.

(Sigmund Freud)

RESUMO

Discutir sobre velhice e envelhecimento em uma sociedade capitalista e consumista, que prioriza o novo e a aparência é, sem dúvida, um grande desafio. Existem idosos que buscam atuar mesmo depois da aposentadoria, continuar consumindo ativamente dentro da sociedade. Trabalham e, às vezes, até estudam, o que demonstra uma contradição na sociedade tradicional, embora esta faixa etária em atividade represente uma pequena parte da população. Assim, o presente trabalho visou a uma discussão embasada na teoria psicanalítica para enfatizar o sujeito na velhice e abranger as problemáticas vivenciadas por esta população. Para se ter uma velhice saudável, esses indivíduos necessitam conviver na sociedade. Se o corpo, com o passar dos anos, envelhece, a alma não envelhece, ou seja, a subjetividade do sujeito do inconsciente não envelhece. Para que o idoso não perca seu papel dentro da sociedade e viva com satisfação, é indispensável que ele seja tratado como homem de direitos e deveres. É de grande valor que o sujeito na velhice possa dar um novo sentido e um novo significado, para sua vida. Cada idoso é capaz de construir sua própria velhice em seu jeito singular.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Velhice. Capitalismo. Psicanálise.

ABSTRACT

Discuss about old age and aging in a capitalist and consumerist society – that prioritizes new appearance – is, undoubtedly a challenge. There are elderly people who seek work even after retirement, continue actively consuming within society. Work and, sometimes, even study, which shows a contradiction in traditional society, although this age group in activity represents a small part of the population. Thus, the present work aimed at an informed discussion on psychoanalytic theory to emphasize the subject in old age and cover problems experienced by this population. To have a healthy old age, the soul doesn't age – the subjectivity of the subject of the unconscious doesn't age. So, that the elderly don't waste your role in society and live with satisfaction, it's essential that it be treated as a man of rights and duties. It's of great value that the subject in old age can give a new direction and new meaning to his life. Each senior is able to build their own old age in his unique way.

KEY WORDS: Subject. Old age. Capitalism. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	APRESENTANDO A SOCIEDADE: PESSOAS VIVENDO UM GRANDE ESPETÁCULO.....	11
2.1	O mal-estar na sociedade: nem tudo corresponde ao eu-ideal.....	16
2.2	A imagem da velhice como espelho despedaçado.....	22
3	A NOÇÃO DA VELHICE NO LUTO E NA MELANCOLIA	29
3.1	Um olhar psicanalítico sobre a velhice: dificuldades e possibilidades	33
4	A VELHICE NO DISCURSO: FALAR POR SI OU SER FALADO PELO OUTRO?	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Em meio à sociedade hedonista, cuja busca pela perpetuação da juventude organiza e dirige as ações midiáticas e mercadológicas, há que se pensar na velhice. Envelhecem as pessoas e seus sonhos, envelhece sua forma de ver o mundo. O envelhecimento é um processo e a velhice é apenas um momento desse processo – uma etapa da vida, como a infância, a adolescência e a idade adulta.

Nesta perspectiva, o envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento que se inicia com o nascimento. Sendo assim, a velhice é compreendida como uma das etapas do envelhecimento. A velhice, pois, mostra a posição do sujeito: ao ingressar na velhice, o idoso não é mais visto pela sociedade e não se sente como objeto de desejo do outro. O apanágio da velhice se instaura nas formas como o idoso se vê, como ele se percebe e como é percebido pelo outro.

Por ser um processo, o envelhecimento é irreversível e produz no corpo as marcas visíveis. Cada idoso é capaz de construir sua própria velhice de seu jeito singular. A velhice é um estado, ao passo que o envelhecimento é um processo que tem significado de movimento contínuo de subjetivação, cuja característica é ser constante e inacabado.

O desenvolvimento deste trabalho auxilia nossa atuação profissional, haja vista que a sociedade contemporânea apresenta preconceitos e estereótipos com relação à velhice. Este trabalho se faz relevante na medida em que propomos apresentar uma discussão com o objetivo de destacar a importância do idoso e como ele pode produzir dentro de suas possibilidades e construir uma sociedade moderna consciente e mais digna sobre as questões da velhice.

Na atualidade, a população idosa é a que mais tem crescido no nosso país, devido à baixa taxa de natalidade e à baixa taxa de mortalidade. A melhoria das condições de saúde e da expectativa de vida contribuiu significativamente para o crescimento da população de idosos. É importante para a Psicologia obter o conhecimento deste tema e construir um olhar sobre a velhice. É preciso saber como lidar com questões além das perdas funcionais, pois advém também a perda do próprio corpo e de sua imagem que, na sociedade atual, é tão valorizada. Sob esta ótica, a imagem e tudo aquilo que se refere à velhice é negada e evitada, de sorte que a sociedade busca cada vez mais formas de permanecer jovem.

Neste trabalho, apresentamos uma discussão que se baseia na teoria psicanalítica para a compreensão da velhice e do envelhecimento na sociedade moderna, a fim de conscientizar os profissionais acerca da problemática vivenciada pela população idosa na sociedade atual. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva e bibliográfica.

No primeiro capítulo, ressaltamos a sociedade do espetáculo e como é a velhice vivida e mostrada dentro dessa sociedade da aparência. Nesta sociedade, todos buscam o reconhecimento. Também demonstramos a velhice como um mal-estar que se instaura na sociedade atual, onde prevalece a juventude, a beleza e a vitalidade. O idoso vive um mal-estar imposto pela sociedade que o caracteriza como um inútil e incapaz. Enfatizamos como a velhice é um espelho quebrado, desfragmentado, despedaçado pronto para acabar e para morrer. Por este caminho, apresentamos o envelhecimento em seu sentido antitético como perda e aquisição.

No segundo capítulo, apresentamos uma discussão sobre luto e melancolia na velhice e quais são as possíveis vias substitutivas. Desta maneira, o simbólico atua sobre o trabalho de luto, trazendo a possibilidade de substituição do objeto perdido e o investimento em outro objeto. Salientamos a clínica psicanalítica na velhice, através de um olhar face às dificuldades e possibilidades do tratamento – que problematizamos – e refletimos sobre a proposta de análise dentro das possibilidades da velhice, haja vista que, nessa idade, há pouca possibilidade de simbolização e maior dificuldade de adaptação às coisas novas. De qualquer forma, a psicoterapia será essencial para o idoso, pois terá alguém que o escute, além de trabalhar as perdas da velhice.

No último capítulo, evidenciamos uma discussão sobre Lacan, em sua teoria sobre os quatro discursos: do Mestre, da Histórica, do Analista e da Universidade. Abordamos também o discurso capitalista e discutimos a velhice na sociedade atual: capitalista e consumista. Mostramos como as pessoas vivem incompletas e infelizes. Destacamos a cultura do lixo e como é constituída em seus principais objetivos. O último capítulo visa a esclarecer as estratégias de marketing com grande quantidade de produtos para o público idoso.

Por conseguinte, na modernidade, o consumismo pela população idosa tem aumentado cada vez mais, o que evidencia o aparecimento de um novo sintoma: endividar-se para acompanhar o consumismo e adquirir cada vez mais produtos novos. E, por fim, concluímos com um diálogo entre o capítulo 1 e o capítulo 3. Desta forma, definimos as incidências entre a aparência e o consumismo e como o idoso está convivendo dentro desta sociedade altamente consumista e individualista.

Para a nossa formação acadêmica em Psicologia, é imprescindível conhecer como a velhice reflete uma problemática social e como os sujeitos enfrentam o descaso, o desamparo e os preconceitos na sociedade moderna. Logo, buscamos apresentar uma discussão crítica, sistematizada e reflexiva a respeito do tema pesquisado.

2 APRESENTANDO A SOCIEDADE: PESSOAS VIVENDO UM GRANDE ESPETÁCULO

Vivemos em uma sociedade onde prevalece a dramatização da própria vida. Nesta vida espetacular, tudo é representado; a imagem que se passa para as outras pessoas é tudo, mesmo que não seja tudo aquilo que é apresentado. Neste caso, afirma Debord (1997, p. 13): “tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. A vida passa com rapidez e evapora-se na fumaça da representação.

As pessoas vagueiam sem direção nesta sociedade do espetáculo, o importante é parecer fascinante, obter a contemplação. Esta é a expectativa do espetáculo: ter um discurso ficcional, demonstrando algo que as pessoas não são e que apenas aparentam ser. De outra forma, diríamos que o sujeito nessa sociedade do espetáculo é transformado em um objeto de natureza descartável, ele perde totalmente a sua interioridade, vivendo mascarado dentro do espetáculo.

O espetáculo consiste em sedução; é uma ilusão, uma manipulação para se dominar a mente dos indivíduos na sociedade. A velhice é um problema dentro dessa sociedade da aparência. De acordo com Beauvoir (1986, p. 664), em uma “sociedade ideal [...] pode-se imaginar que a velhice, por assim dizer, não existiria”. Além do mais, o espetáculo, para Debord (1997), pode ser compreendido como toda a vida das relações sociais, o que caracteriza uma “sociedade em que ninguém consegue ser *reconhecido* pelos outros, cada indivíduo torna-se incapaz de reconhecer sua própria realidade” (DEBORD, 1997, p. 140).

Neste contexto, o imaginário é mediado por imagens, através da relação social entre as pessoas. A imagem é cheia de atrações, mas consiste em um vazio de conteúdo. Segundo Debord (1997, p. 14), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Tudo o que vemos e o que somos é o tempo todo influenciado por aquilo que não é.

A partir desta premissa, a imagem pode ser compreendida como uma imagem de si mesma, como por exemplo, a imagem que temos do outro, a imagem que o outro possui de nós, a nossa imagem projetada no outro, a nossa imagem que desejamos transmitir ao outro e a imagem idealizada como a imagem padrão.

De toda forma, o espetáculo é representado pelo imaginário nessa sociedade, precisa-se estar a todo o tempo simulando, porque preferimos “a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...” (DEBORD, 1997, p. 13). Os cidadãos são facilmente dominados pelo espetáculo. Sem dúvida, viver em um mundo de emoção, alegria e

diversão é muito satisfatório, o que não se sabe é que esse mundo é pura irreabilidade que sustenta a sociedade dominante com base na produção e no consumismo.

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha (DEBORD, 1997, p. 14-15).

Na realidade, no espetáculo a vida é vivida como uma peça de teatro. Neste sistema, há uma predominância do valor estético, dando ênfase à beleza e seus atributos. Nesta direção, menciona Debord (1997, p. 130), “o espetáculo decorreria do fato de o homem moderno ser demasiado espectador”.

A vida é encenada como um circo, sendo reproduzida como a melhor diversão, ao representar, encenar, dramatizar a vida, os atores ignoram os juízos de valores, subestimando o ciclo da vida. Existem os atores e as estrelas que encenam no palco e outros que ficam na plateia. É evidente que não há lugar para todos nesta trilha aparente de sucesso.

Na velhice, as peças para serem representadas se perdem, pois é uma fase de estranheza e sofrimento, conforme aponta Mucida (2006, p. 70) “(...) quanto mais enlaçada ao corpo e às demonstrações fálicas é a cultura, mais a velhice se torna um palco de sofrimento para aqueles que a contemplam ou a vivenciam”. De qualquer forma, nesta sociedade, o espetáculo e a velhice não combinam, é indispensável ser belo e jovem para seguir o padrão do espetáculo. Nesta perspectiva, revela Debord (1997, p. 138), “o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real”. A velhice seria, então, considerada como o cair no ridículo do espetáculo. Com episódios de solidão e abandono, o idoso passa a ter dificuldades em lidar com situações novas. Beauvoir (1986, p. 44) considera que “as pessoas idosas têm muita dificuldade de se adaptar às situações novas; elas reorganizam facilmente coisas conhecidas, mas resistem às mudanças”, o que ocasiona dias de tristeza por serem segregados para fora da sociedade do espetáculo.

A tristeza das pessoas idosas não é provocada por acontecimento, ou por circunstâncias singulares: ela se confunde com o enfado que as devora, com o amargo e humilhante sentimento de sua inutilidade, de sua solidão no seio de um mundo que só lhes tem indiferença (BEAUVOIR, 1986, p. 568-569).

Mas, ao mesmo tempo, os personagens que apresentam e interpretam nessa sociedade do espetáculo são pessoas vivendo uma ideologia. Os jovens, com a sua beleza

radiante, são os malabaristas e equilibristas, pois representam a parte nobre do espetáculo da sociedade. O espetáculo é uma herança, uma ideologia; o idoso vive contra essa ideologia, a sua história não é mais fascinante e nem desejante, não há como continuar encenando.

Se partirmos da ideia de que a velhice não pode ser disfarçada, compreendemos que muitos mascaram os seus sinais que vão cada vez mais se acentuando no corpo. Então, para a sociedade do espetáculo, a velhice é subversiva, o velho tem uma imagem deformada, como para o espetáculo a imagem é tudo, na velhice, o espetáculo não encontra seu ideal.

A propósito, o espetáculo é a melhor diversão para as pessoas na sociedade, o caráter de dramatização do palco da vida inclui personagens com vida capazes de atrair a atenção dos receptores. O velho já não corresponde ao desenrolar desta narrativa, não possui mais força e nem formosura. Por esta via, sustenta Debord (1997, p. 39), “a raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular”. Em outra vertente, nem todos os idosos são consumidores nesta sociedade e, por isto, não há espaço para eles dentro dela.

Na sociedade do espetáculo, as pessoas trabalham para serem merecedoras do consumo e do poder; elas acreditam que alcançarão a felicidade nessa sociedade, o que caracteriza que o espetáculo é satisfeito com as necessidades humanas. As pessoas, então, não vivem para si, mas em favor de chamar a atenção dos outros; são fantoches que a sociedade do espetáculo moldou para si. Não são capazes de satisfazer seus próprios desejos, vivem em uma busca constante sem saber o que realmente se procura.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (DEBORD, 1997, p. 24).

A gênese do espetáculo é a representação, as pessoas vivem a vida como uma peça de teatro, no palco improvisado da vida. Na maioria das vezes, não valorizam as pessoas idosas e nem o que importa na vida. Diríamos como Mucida (2006, p. 16): “a velhice desacomoda, incomoda, principalmente nesse mundo permeado de máscaras do novo”. O ideal é ser jovem, bonito, viçoso. Debord (1997) considera que as pessoas encenam no cenário da vida, aparentam ser o que não são. O espetáculo é uma irrealidade, é uma alienação que sustenta a sociedade, um verdadeiro simulacro das relações e da vida humana. Ainda nas palavras de Debord (1997, p. 16-17), “o espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é

bom aparece””. A atualidade celebra os comportamentos, os valores e a aparência dos jovens. Há um grande cuidado e preocupação com o corpo e com a aparência física. Exibe-se a beleza e nega-se o envelhecimento, tenta-se adiar a velhice a qualquer preço, de modo que o importante é parecer novo e jovem.

No espetáculo se cultua o amor à juventude e o desprezo à velhice. Como acentua Beauvoir (1986, p. 507): “amo a juventude; desejo que nela continue nossa espécie, e que esta última conheça tempos melhores. Sem essa esperança, a velhice para a qual eu encaminho parecer-me-ia inteiramente insuportável”.

Partindo do princípio de que aos nossos olhos a beleza possui uma fonte de atração e admiração, talvez não seja fácil envelhecer, afinal de contas, apresentaremos um corpo que não é mais desejado. Apenas falar de velhice já causa tristeza às pessoas, é preferível abordar temas como: juventude, beleza e sucesso. Neste viés, expõe Mucida (2006, p. 16), “falar da velhice incomoda porque expõe o limite ao qual todos nós somos submetidos. Falar de velhice desacomoda, exigindo certa acomodação dos traços e dos restos advindos pelas perdas, pelas mudanças da imagem e na relação com o Outro”. Preferimos viver na ilusão à realidade; a sociedade espetacular nos alienou com sua ideologia de beleza e juventude.

De certa forma, os episódios do espetáculo configuram como as pessoas vivem nessa sociedade alienada, estão sempre copiando o sistema com seus quadros célebres, o programa das atrações é o belo, a juventude, a riqueza e o poder, que desempenham um papel importante nas gerações. Notamos que, na sociedade do espetáculo, o sujeito não pode sofrer e nem se apresentar deprimido ou triste, é indispensável ser competitivo, egoísta e agressivo. De permeio, o velho experimenta a exclusão, pois não possui mais o valor (atração) do espetáculo.

De fato, na sociedade do espetáculo, o velho não passa de um fardo: “o velho incapaz de suprir suas necessidades representa sempre uma carga” (BEAUVOIR, 1986, p. 12). Um dos motivos para não envelhecer é que, segundo alguns, na velhice o velho só repete e caduca, como o espetáculo é sempre uma novidade, o idoso está fora das determinações do espetáculo, que necessita de transmissão de imagens atrativas, informações e comunicação.

Há casos nos quais os comportamentos inadaptados do velho não encerram intencionalidade. Eles se explicam por seu declínio psíquico: é o caso da caduque e das repetições, tão característica da senilidade. O velho está voltado para o passado, sem poder sobre o futuro, e é vítima das preocupações: ressuscita indefinidamente as mesmas lembranças, ruma em voz alta as mesmas inquietações; é condenado à estagnação pelo enfraquecimento de sua memória, e por sua incapacidade de adquirir o que quer que seja de novo (BEAUVOIR, 1986, p. 589).

Se, por um lado, no espetáculo, a pessoa se enxerga sob uma determinada cena, por outro, o espetáculo na sociedade atual passa a ser considerado como um problema: há, em todo instante, uma preocupação com aquilo que deve se mostrado, devendo alcançar o auge dos espectadores.

A razão disso está em que, na concepção de Debord (1997, p. 106), a vida real se tornou um espetáculo, ou seja, “mesmo nesses momentos concedidos à vida, ainda é o espetáculo que se mostra e se reproduz, atingindo um grau mais intenso. O que foi representado como a vida real revela-se apenas como a vida mais *realmente espetacular*”. O espetáculo evoca a atenção, diante do show os olhos brilham, há gritos e aplausos, nem sempre o espetáculo precisa anunciar uma verdade, mas precisa atingir o seu foco: conseguir chamar a atenção daqueles que o observam.

Neste sentido, tudo o que é novo deve ser mostrado, ao passo que o que já passou, ficou velho e perdeu a graça deve ser ocultado. Mediante esta situação, vemos que é assim que ocorre na velhice: o velho já passou, perdeu o seu espaço na sociedade. Sendo assim, escreve Beauvoir (1986, p. 211), “a velhice, que deveria ser a apoteose de uma vida de leais serviços, arrisca-se, pelo enfraquecimento físico que acarreta, a arruinar toda a glória”.

No espetáculo, apesar de sempre existir o circo, os personagens, que são as pessoas da sociedade, sofrerão com a passagem do tempo, tendo que se adaptar quando chegam à velhice. O espetáculo possui um megafone, uma série de atrações, um programa que só existe porque verdadeiramente existe um público disposto a viver nesse espetáculo.

Neste percurso, na cultura do espetáculo é proibido envelhecer; o declínio do corpo ocasiona repulsa naqueles que observam; essa representação teatral da realidade é horripilante, causa de medo e vergonha. Beauvoir (1986, p. 8) pressupõe que “para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar”. O sujeito idoso é deixado de lado pela sociedade e desamparado física e psicologicamente. A velhice não prende o olhar de ninguém, verdadeiramente, não há contemplação na velhice.

Perde-se a beleza física padronizada pelos modelos atuais, a saúde plena, o trabalho, os colegas de tantos anos, os amigos, a família, o bem estar econômico, e fundamentalmente, a extensão infinita do futuro, e embora a qualidade de vida seja preservada, não pode ser evitado o sentimento de finitude que inexoravelmente se instala (GOLDFARB, 1998, p. 15).

É no período da velhice que encontramos perdas de objetos e de lugares significativos. Kamkhagi (2008, p. 51) pontua que “‘negado’ pela sociedade, o envelhecer que

não é belo é, cada vez mais, apagado do imaginário” e, em função disto, a mídia promove os “velhos joviais”, na tentativa de aumentar o universo consumista. Em torno disto, observamos cada vez mais pessoas idosas realizando cirurgias para aparentarem-se mais jovens; há também compras de cosméticos rejuvenescedores. Elas praticam esportes, alguns se comportam e se vestem como jovens para negar a velhice e manter a aparência o mais jovial possível, tudo isto para não perder o seu lugar dentro da sociedade do espetáculo.

A partir disto, o espetáculo é o fenômeno da aparência. A sociedade também prioriza o consumismo, com ênfase no individualismo. No espetáculo, Debord (1997) conceitua a imagem como uma relação social, ou seja, como uma espécie final da mercadoria, modificando as percepções e as sensações. As pessoas no espetáculo almejam alcançar a fama por meio da admiração, ser reconhecida como uma estrela e obter o sucesso.

Assim, os destinos dos idosos são tristes; na sociedade do espetáculo, são segregados e abandonados. O sucesso é atribuído aos jovens e o insucesso, aos velhos, excluídos da sociedade do espetáculo.

A velhice se instaura de forma silenciosa, inverte a arte, tornando-a grotesca, acaba com todas as expectativas do espetáculo. Mesmo assim, é necessário assumir sua condição humana, pois o sentido da vida está no futuro que os espera, de modo que “enfraquecido, empobrecido, exilado no seu tempo, o velho permanece, no entanto, o homem que era” (BEAUVOIR, 1986, p. 549).

Na verdade as pessoas são incompletas e insatisfeitas, estão em busca do objeto perdido, o que faz com que essa sociedade seja infeliz e cheia de frustrações, já que ela é essencialmente mediada por imagens e preferindo a representação à realidade, a cópia ao original. Esta é a herança deixada pela sociedade do espetáculo e que nós adotamos como o nosso tesouro peculiar. Sob esta perspectiva, a aparência é o que importa, nossa sociedade se tornou um espetáculo, pois falsificou nossa percepção da verdadeira realidade.

2.1 O mal-estar na sociedade: nem tudo corresponde ao eu-ideal

Na nossa sociedade, predomina o consumo, a beleza e a força da juventude com a sua vitalidade e vigor, o que caracteriza uma imagem idealizada, que é considerada fonte de prazer. A velhice, por sua vez, é o que não conseguimos nomear, torna-se uma fonte de mal-estar e desprazer. Do ponto de vista de Beauvoir (1986, p. 664), “a velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização”. Esta civilização que descobre que, afinal, o prazer não pode ser para sempre.

De acordo com Freud ([1930 / 1929] 1996), a civilização é a grande responsável por nossa desgraça e que, verdadeiramente, seríamos mais felizes se retornássemos às condições primitivas; como já não é mais possível isto, vivemos um mal-estar, ou seja, uma insatisfação, e temos que buscar outras motivações para tamponar essa insatisfação. Uma das vias seria a busca do poder.

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 73).

Na busca pelo poder, notamos que o ser humano não dá importância à sua finitude. O poder move a humanidade, quem tem o poder e a riqueza possui o dom de dispor sobre o destino do outro. O poder está atrelado ao desejo. O desejo existe quando há uma falta e todos somos seres de falta. A procura pelo objeto perdido nunca termina na vida do sujeito, é por isso que ele é incompleto, sempre está à procura de algo a mais. Como assinala Mucida (2006, p. 61): “a falta inaugura o desejo; é porque algo falta que o sujeito buscará objetos”. Na velhice, as perdas se acentuam, o velho se percebe sem serventia, passando a viver uma vida amarga.

Da mesma forma, salienta Beauvoir (1986, p. 52), “toda a sociedade tende a viver, a sobreviver; exalta o vigor e a fecundidade, ligados à juventude; teme o desgaste e a esterilidade da velhice”. Para Freud ([1930 / 1929] 1996), a beleza dispõe de uma qualidade de sentimento, é intoxicante, ela perverteria e envenenaria os sentidos das coisas. “A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. Apesar disso, a civilização não pode dispensá-la” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 90).

O mal-estar pode ser entendido como a civilização que apresenta suas demandas, suas leis e normas. Neste caso, para que uma sociedade seja organizada, o sujeito deve dar uma resposta civilizada, logo “o desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 102). Então, o sujeito recalca os seus desejos para viver em harmonia com a sociedade.

A essência da civilização ocorre quando os membros da comunidade restringem suas possibilidades de satisfação em favor da vida em sociedade. “A civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto [pulsão], o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 104). De modo que a civilização sempre utilizou esforços supremos através de

limites para controlar os instintos agressivos do homem, o que resultou em uma troca, ou seja, “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 119).

Entretanto, na maior parte das vezes, as expectativas sociais não coincidem com os desejos do sujeito. Notamos que o sujeito não consegue alcançar a felicidade na nossa sociedade moderna. Sabemos que para viver em sociedade e ser aceito por ela, o sujeito recalca os seus desejos.

Efetivamente, o homem abandona seus impulsos por causa da ordem e dos seus benefícios que não pode contestar. Por conseguinte, “ela capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles” (FREUD [1930 / 1929] 1996, p. 100). Portanto, o homem precisa deixar de lado a felicidade, o que dá origem ao mal-estar que são as imposições e restrições exigidas pela sociedade e o conflito pulsional no sujeito.

Assim como a satisfação do instinto [pulsão] equivale para nós à felicidade, assim também um grave sofrimento surge em nós, caso o mundo externo nos deixe definhando, caso se recuse a satisfazer nossas necessidades. Podemos, portanto, ter esperanças de nos libertarmos de uma parte de nossos sofrimentos, agindo sobre os impulsos instintivos [pulsionais] (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 86).

A velhice evidencia o mal-estar na sociedade, que pode ser definido como algo que é inominável, insuportável. Na percepção de Kamkhagi (2008, p. 48), “o velho é visto como obsoleto, lerdo e desinteressante, frente à expectativa de jovens promovendo constantemente o novo”. Definitivamente, estamos na era do consumismo, do novo, não há espaços para a velhice, haja vista que a maioria dos idosos não produz e não consomem dentro do espetáculo.

Mas o fato é que a velhice traz à tona sua imagem que não corresponde à ideologia de beleza; não é agradável à vista e nem formoso. Esta imagem, no entanto, retrata que nem tudo corresponde ao eu-ideal. Este marco gera um mal-estar que o idoso, em meio a esta tensão, terá que enfrentar sozinho para continuar construindo sua subjetividade.

Conforme Freud ([1930 / 1929] 1996), a vida é árdua e proporciona para nós muitas decepções e sofrimentos. Uma das formas de amenizar seria procurando satisfações substitutivas que pudessem diminuir esses sofrimentos. O ser humano esforça para encontrar a felicidade, necessita ser e permanecer feliz. A felicidade seria então para o sujeito somente sentimentos de prazer, ou seja, “por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer” (FREUD, [1930 /

1929], 1996, p. 84). Nesta direção, para viver em harmonia na sociedade o sujeito deve colocar a capacidade de obter prazer em segundo plano.

Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade – tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade –, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 85).

A infelicidade é mais fácil de ser experimentada do que a felicidade, esta é restringida por nossa própria constituição, visto que “todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais o organismo está regulado” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 85). Desta maneira, Freud ([1930 / 1929] 1996) em *O mal-estar na civilização*, menciona três vias de sofrimento que configuram o mal-estar: o primeiro é o nosso próprio corpo que, como sabemos está condenado à decadência e à dissolução; o segundo, o mundo externo que com suas forças de destruição pode se voltar contra nós e, em terceiro, os relacionamentos com os outros.

Por sua vez, o organismo, se deteriora e morre, o que gera um intenso sofrimento de desprazer; lidar com este insuportável, o sujeito na velhice sente e vê as transformações do envelhecimento. Na velhice, estas marcas são vistas no corpo e são consequências da passagem do tempo. Por mais que tente manter novo e vibrante, a passagem do tempo castra e leva a todo ser humano a finitude, mostrando-lhe sua limitação, logo “o nosso organismo corporal, ele mesmo parte da natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 93).

Por outro lado, “evidentemente, a beleza, a limpeza e a ordem ocupam uma posição especial entre as exigências da civilização” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 100). Sob esta ótica, na sociedade atual (do consumismo) o ideal é ser belo. É conveniente que a juventude seja eterna para que haja vida, cheia de vigor, virtude, sem limites, caracterizando a beleza e a força.

A velhice se dá no real do corpo, sendo impossível nomeá-la. A partir desse momento, o real é aquilo que não se pode representar nem por palavras nem por imagens; não pode ser tocado, apresentando sua incidência no sujeito, faltando-lhe uma representação psíquica. Goldfarb (1998, p. 9) assim esclarece a velhice no contexto do real: “parece-me que

a velhice, como alguma coisa da ordem do diabólico, não pode ser nomeada sem provocar medo e rejeição”. Por sua vez, Freud menciona a grande exaltação da beleza:

de imediato, constatamos que essa coisa não lucrativa que esperamos que civilização valorize, é a beleza. Exigimos que o homem civilizado reverencie a beleza, sempre que a perceba na natureza ou sempre que a crie nos objetos de seu trabalho manual, na medida em que é capaz disso (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 99).

Precisamos do simbólico para que a velhice venha a ter sentido e significados, ao contrário do nosso imaginário, velhice não é sinônimo de morte e doença. Em suma, enfatiza Kamkhagi (2008, p. 5), “saber envelhecer com dignidade e consistência e poder aproveitar o que de melhor a vida pode nos oferecer, em cada um dos seus períodos, é uma virtude a ser conquistada ao longo do tempo”.

Predomina na sociedade a cultura do jovem, com o seu padrão de beleza e o idoso fica excluído, pois tem cabelos brancos, rugas e pele flácida, o que está fora dos ideais de jovialidade. A imagem do idoso é a perda da imagem ideal, pois causa estranheza e aflição. Neste caso, para continuar vivendo e estar dentro dos seus ideais, o idoso deveria renunciar ao seu desejo, dado que “a velhice é descrita à pena da queda do desejo, da decrepitude e da doença; todas as reduções são tratadas como perdas irreparáveis e o idoso é descrito como um morto que vive” (MUCIDA, 2006, p. 68). Completando tais considerações, temos ainda que

o velho, então, “impotente” e “incapaz” de superar criticamente o modelo vigente que prioriza o jovem, belo, forte e poderoso, a ele se submete tentando apagar as diferenças, passar para o interior do círculo de poder, fazendo tudo por se incluir, muitas vezes de forma maníaca e caricata, ou caindo no isolamento, na renúncia ao desejo (GOLDFARB, 1998, p. 14).

A respeito da decadência do corpo, “não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa” (FREUD, [1930 / 1929] 1996, p. 87). A perda do eu-ideal vivenciada na velhice é considerado como uma fonte de desprazer, não há nessa imagem traços de prazer, seja pelo velho ou por aqueles que o observam, nem ao menos há quem se identifique com esta imagem.

Diante disto, se a sociedade moderna idealiza e se preocupa com a imagem do corpo perfeito, a sua perda causa um abalo no imaginário do sujeito, devido às transformações no corpo. Porquanto, o imaginário é constituído através do outro e se manifesta na imagem, podendo assim ser vista pelos outros e pelo indivíduo.

O imaginário é tudo o que diz respeito à imagem do corpo sem a mediação da palavra, reduzindo as relações humanas à especularidade, o que faz com que sejam

anulados os limites e as diferenças entre o sujeito e o outro como semelhante. No imaginário reina a lei do transitivismo, onde o eu se torna sinônimo do outro (JORGE e FERREIRA, 2005, p. 35).

A partir disto, é possível entender que o eu-ideal é o outro como imagem com valor cativante, ou seja, prevalece uma relação dual com o outro. Para melhor compreendermos eu-ideal, cumpre um retorno às concepções infantis: a mãe e a criança são um só. A criança, após passar pelo processo de identificação, terá a formação do ideal do eu. Aqui é o outro como falante, essa etapa ocorre com a perda da mãe e a entrada no social ocorrendo uma relação tríade, pois, inclui a palavra como mediadora. No ideal do eu, a criança percebe que o outro é diferente e separado dela. Esta percepção da imagem e separação da criança é um prazer, a imagem é satisfatória. Ao contrário, ao chegar na fase da velhice, essa imagem de ideal do eu é perdida e a nova imagem adquirida com o tempo é insuportável para o velho e gera grande desprazer, produzindo um furo na imagem do ideal de perfeição trazido pela juventude. Em conformidade com esta temática abordada, Mucida (2006, p. 112) enfatiza que “nessa direção, a velhice torna-se uma das faces do mal-estar da cultura; advém, como salientado, fazendo furo ao encontro prometido com o objeto”.

Outro ponto importante: o organismo terá que se adaptar às mudanças advindas com a velhice, o que é motivo de desconforto para o idoso; a perda da força e a lentificação dos movimentos vem mostrar no real que não é possível nomear e nem negar as transformações do ciclo da vida.

A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada (BEAUVOIR, 1986, p. 445).

Neste contexto, todos nós compartilhamos deste mesmo mal-estar. O idoso já não apresenta expectativas, perdendo a sua identidade. Na atualidade, pouco importam os velhos, de modo que ficar velho nessa sociedade consumista pode ser visto como um momento trágico da fase da vida. A este respeito Beauvoir (1986) acrescenta que a velhice surge como uma desgraça e as mudanças trazidas por ela pelos anos são as mais desagradáveis.

Com frequência, a cultura atual dá um grande valor àquilo que é novo, aos grandes avanços tecnológicos e aos objetos novos cada vez mais modernos. Portanto, Mucida (2009, p. 66) destaca que na velhice “essa ideia de novo não inaugura por si uma nova posição do sujeito diante do seu sofrimento”, ou seja, apesar dos objetos serem novos, não são capazes de apagar o mal-estar da sociedade.

Bem sabemos que a imagem da velhice é desvalorizada, a sociedade coloca o idoso em uma posição de carga. Nesta situação, o jovem não quer ser velho, pois sabe que, na atualidade, ser idoso é muito difícil. Como demonstra Mucida (2006, p. 110): “a imagem da velhice, além de não ser valorizada culturalmente, não traz perspectivas de novas aquisições, pelo contrário, delineiam-se apenas perdas”.

De qualquer forma, resta ao idoso, além de ter que aprender a lidar com a tensão das mudanças do corpo, conviver com o abandono e o sofrimento que esse mal-estar instaura. O idoso teme essa nova imagem que a passagem do tempo lhe oferece de enfraquecimento e desgaste.

Para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença. A velhice dos outros inspira também uma repulsa imediata (BEAUVOIR, 1986, p. 51).

Na contemporaneidade, é difícil a realidade que retira os velhos da vida social quando perdem suas capacidades e suas forças, perdendo e não mais possuindo papel algum. Para o idoso é viver dentro de um mal-estar ter que aceitar essa condição que lhe é imposta caracterizando-o como um sujeito incapaz e inútil dentro da sociedade.

2.2 A imagem da velhice como espelho despedaçado

O envelhecimento não possui o mesmo significado de velhice. O envelhecimento é um processo, a velhice é um momento deste processo de envelhecimento, ou seja, uma etapa assim como a infância, a adolescência e a fase adulta. A velhice é considerada a última etapa deste ciclo que se chama vida. De acordo com Beauvoir (1986), a velhice se constitui como o alongamento e a consequência de um processo.

A velhice começaria por volta dos 60 anos¹, porém, cada sujeito terá uma construção de velhice de um jeito. O envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento humano que se inicia com o nascimento. Na concepção de Monteiro (2011), a velhice é um estado do processo do envelhecimento.

De toda forma, o envelhecimento é irreversível. Além do mais, o envelhecimento é produzido pelo tempo e suas marcas são vistas pelos outros. As mudanças sociais, biológicas

¹ Esta concepção de idade pode variar e, em algumas considerações, a velhice iniciaria aos 65 anos.

e psicológicas ocorrem no envelhecimento e, na velhice, essas mudanças se acentuam. É importante destacar que velhice não é sinônimo de doença e nem de morte.

Por conseguinte, a velhice é um prolongamento do processo do envelhecimento, com a função de mostrar a posição do sujeito idoso. O ingresso na velhice acontece quando o idoso não é mais visto e nem se sente como objeto de desejo do outro. Sob este aspecto, o atributo da subjetividade na velhice se instaura em como o idoso se vê, como ele se percebe e como ele é percebido pelo outro.

Freud ([1910] 1996) em *A significação antitética das palavras primitivas* articula como uma palavra em seu sentido antitético pode ter um lado negativo e outro positivo. Nesta perspectiva, a palavra envelhecimento será entendida como vida e morte, perda e ganho e também velho e jovem. Freud ([1910] 1996, p. 164-165), trata melhor do conceito de palavras antitéticas, sendo “tudo que podemos conhecer é visto como transição de alguma outra coisa, toda experiência deve ter dois lados; e, ou cada nome deve ter uma significação dupla, ou então, para cada significação deve haver dois nomes”.

Assim, o envelhecimento será compreendido como um processo de perdas e ganhos. Messy (1999) descreve o processo de envelhecimento como uma ideia de perda e outra de aquisição. Na medida em que a sociedade coloca a velhice em uma posição de déficit e, a juventude, de benefício.

Para Freud, o homem não teve a capacidade de adquirir conceitos antigos e simples a “não ser como os contrários dos seus conceitos, e só gradativamente aprendeu a separar os dois lados de uma antítese e a pensar em um deles sem a comparação consciente dos outros” (FREUD [1910] 1996, p. 163). Neste sentido, acentua Messy (1999, p. 17) que “a palavra envelhecimento, (*‘vieillessement’* em francês) começa pela palavra vida (*‘vie’*)”. De modo que o envelhecimento tem características de enfraquecimento, desgaste, diminuição, e de acréscimo, o que se especifica pela maturação do indivíduo e do organismo.

Neste sentido, tomemos o envelhecimento juntamente com a noção de tempo, pois o ego se relaciona com o tempo. Para a Psicanálise, no envelhecimento o ego é ameaçado com as perdas de objetos, perdendo os seus suportes, de maneira que na infância, apesar da perda do objeto de amor (a mãe), a criança ganha o social. Neste processo de envelhecimento, na etapa infantil existem ganhos como a maturação (atenção dos pais, aprender a andar e a falar) ser aceito por aqueles que estão perto dela.

Do ponto de vista de Beauvoir (1986), a criança leva vantagem sobre o adulto pela quantidade de suas possibilidades e grande capacidade de aquisições. Na adolescência, perde o corpo de criança ganhando um corpo que, de certa forma, será desejado por aqueles que o

rodeiam, pois esta imagem é idealizada, começa a aprender a lidar com as responsabilidades. Agora está caminhando rumo à vida adulta perdendo cada dia a proteção dos pais.

Neste contexto, o adulto, por sua vez, ganha lugar na sociedade e, ao mesmo tempo, se percebe envelhecendo, já não é jovem mais. Em outra vertente, a velhice é compreendida como um momento de perdas, pois o sujeito depara-se com um corpo que mostra uma imagem de feiúra e repulsa por aqueles que o enxergam, perdendo, neste momento a imagem idealizada e ganhando uma que causa horror e espanto; além do mais, há perdas sociais e desamparo dos familiares. O idoso não está preparado para encarar as mudanças pelas quais está passando e se defronta com questões desfavoráveis, ocasionando um desamparo para o indivíduo, que traz a perda de sua independência e de sua autonomia.

Desta maneira, na velhice há um ganho de experiência, pois os idosos aprenderam vivendo com o seu passado e presente. Segundo Beauvoir (1986), o velho possui uma experiência vivida e é possuidor de um saber. Além do mais, o velho ganha aposentadoria, perdendo o convívio social e a oportunidade de conservar os relacionamentos.

No entanto, o inconsciente não envelhece, não tem noção de tempo, nem de certeza e nem negação; sendo assim, o sujeito não envelhece. O inconsciente é imutável, atemporal, sendo assim, Bianchi (1993, p. 61) menciona que “o tempo – a velhice – não muda a estrutura”. Além do mais, não reconhecemos a velhice em nós, somente nos outros. Nas palavras de Messy (1999), “velho é o outro” e Beauvoir (1986) menciona que o adulto tem um comportamento como se nunca fosse ficar velho e que isto só ocorreria aos outros.

Conforme Mucida (2009), existe um corpo que envelhece e que faz laço com a mente, que jamais envelhece. O que acarreta uma dificuldade em aceitar a velhice. O corpo a cada dia que passa envelhece, enfraquece e desgasta-se; o inconsciente em contrapartida, não envelhece. Porém, a mente vive e percebe o envelhecimento do corpo. A velhice consiste em um estado de subjetivação e, com a passagem do tempo, existe um sujeito envelhecendo a seu modo.

A velhice surge de forma inesperada, não é bom e nem belo envelhecer, principalmente porque o nosso inconsciente não conhece a noção de velhice. O inconsciente se sente jovem, a libido circula, pois o desejo não tem idade. A partir das referências de Beauvoir (1986), aprendemos que a idade chega de surpresa, há um obscuro sentimento de injustiça, que é traduzido com revoltas e de rejeições. Neste contexto, a velhice traz consigo características de perda, inutilidade, desprezo, de decrepitude e de fim da vida.

Beauvoir (1986) afirma que a maioria das pessoas recebe a velhice com tristeza e revolta, sendo motivo de repugnância. Só os outros envelhecem, ou seja, “para aquele que envelhece, a velhice aparece então como um **sonho** em que ele não pode acreditar. São os outros que envelhecem, é aquilo que o cerca que perde o sentido, e até o próprio corpo, afligido por uma mudança que é também uma traição” [grifado no original] (BIANCHI, 1993, p. 109).

Lacan nos ensinou a respeito do estágio do espelho, no qual a criança, “a partir do ego ideal, forma primordial, que o ego se constitui, por um processo de identificações com outro semelhante” (MESSY, 1999, p. 33). Após este momento, a criança passa a se reconhecer, antes ela pensava que mãe e ela eram um só, a mesma extensão de seu corpo. Em vista disso, Messy (1999) aborda que a criança não diferencia a realidade externa quando nasce. Assim, a mãe é extensão dela igual ao seio ou à chupeta.

Neste processo do estágio do espelho, que ocorre entre seis meses a um ano, a criança passa a reconhecer sua imagem no espelho, ocorre um júbilo por vivenciar esse momento, permitindo a identificação; ou seja, “este espelho, então, não é mais que o olhar da mãe, ou seja, certa imago pré-existente no desejo materno com relação a esse filho” (GOLDFARB, 1998, p. 33). Com base na autora citada, é o olhar da mãe que, ao vê-la, traz determinados atributos com os quais a criança se identifica. Chamamos essa imagem corporal de eu-ideal, a criança está no narcisismo primário, tudo é voltado para ela. O estágio do espelho permite à criança se enxergar não como pedaços, mas como um sujeito.

O corpo despedaçado é o corpo pulsional: um corpo sem imagens e sem sentido. Trata-se, portanto, de um corpo real. Sem dúvida, o estágio do espelho faz com que o bebê não se sinta mais aos pedaços, mas como Um (JORGE e FERREIRA, 2005, p. 40).

A criança, nessa fase de identificação com o outro, quando ocorre a separação dela e da mãe, compreende que a mãe está fora dela. A mãe deixa na criança algumas sensações de falta, o eu-ideal vai se constituir na relação com o outro.

Todavia, o eu passa a ser constituído a partir de várias imagens invertidas, o que se estabelece com o encontro com o Outro. Contudo, diz Mucida (2006) que o estágio do espelho consiste em uma identificação a mudança pela qual o sujeito passa faz com que adote uma imagem.

Embora o corpo que a criança recebe lhe dê prazer e satisfação, prevalecendo alegria e júbilo, na velhice não é assim, o que explica um espelho quebrado, desfragmentado e

destruído. O espelho se quebra porque essa nova imagem adquirida na velhice não é agradável, não traz nenhuma satisfação para o idoso, o corpo começa a se desfragmentar (perda da força, dos cabelos, dos dentes e da elasticidade da pele), o corpo começa a se enfraquecer e a aproximar-se da morte. Ao tomar um rumo em direção à decrepitude, a realmente se acabar, o que vem caracterizar a imagem da velhice como um espelho despedaçado, o velho não possui uma imagem desejada por aqueles que o observam e nem por ele mesmo. Goldfarb (1998) enfatiza que, na velhice, o corpo deixa de ser confiável e se torna um inimigo, sendo preciso dele cuidar frequentemente.

Assim, o espelho refere-se ao olhar do outro, neste caso, predomina o olhar de desejo ou de repulsa. Tudo isso é vivido no dia-a-dia, seja em gestos, palavras e atitudes que também são encarregados de induzir mudanças. Quando esse espelho é positivo, é considerado como um anunciador de ideal. No entanto, no envelhecimento, com a quebra do espelho, torna-se negativo, é um momento de perdas e declínio físico, que trará consigo a velhice. Nesta vertente, Goldfarb (1998) diz que o idoso, ao olhar no espelho, vê devolvida uma imagem de declínio e decrepitude, uma imagem com a qual ele não se identifica. A imagem do idoso não é mais idealizada como antes, perdeu o ideal de perfeição, quebrou-se o espelho.

No espelho quebrado, o indivíduo se vê e não aceita aquela imagem, que agora é uma ameaça, símbolo de horror e estranheza. Sendo assim, “se o envelhecimento acompanha os anos, a velhice, por sua parte, se trama nos espelhos” (MESSY, 1999, p. 16). A velhice trama nos espelhos, isto é, sua imagem é despedaçada, quebrada e destruída juntamente com o espelho do ideal de perfeição da juventude, o que vem marcar as perdas traçadas na velhice, trazendo o insuportável de ter que viver sem a imagem ideal. A partir desse momento, passa a existir um ego estranho, “o horror de envelhecer encontra seu reflexo no espelho, sob o aspecto do eu- feiúra” (MESSY, 1999, p. 34).

Diante disso, o sujeito precisa aceitar as mudanças, o que revela que esta imagem não é de forma alguma recebida como júbilo como antes quando se era criança, como uma promessa de amor, tem todas as escolhas e uma vida pela frente. O velho não possui esse leque de possibilidades, observa a sua imagem com agressividade e não se reconhece nela, “não há júbilo nem alegria, há apenas estranheza e ele pensa: ‘esse não sou eu’. Novamente uma discrepância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem que o espelho lhe devolve” (GOLDFARB, 1998, p. 33).

Na velhice, se perdem as referências, o eu transforma-se em exausto e desgastado. O tempo é o grande responsável pelas marcas da velhice no corpo. A partir do relato de Kamkhagi (2008, p. 104), “a entrada no envelhecer nos coloca face a face com aquilo que

mais detestamos em nós mesmos”. Tendo em vista a contemporaneidade, enfatiza-se a aparência e as práticas de novas aquisições de bens consumíveis; ninguém quer aparentar-se velho.

Levando em conta que na velhice, o velho encara a realidade de estar aprisionado em um corpo que já não corresponde às suas vontades e nem ao seu desejo; isto se torna insuportável. Segundo Goldfarb (1998), ao tomarmos consciência de nossa deteriorização deixamos de ser onipotentes.

Contudo, mesmo diante de tantas perdas há no sujeito traços que permanecem intactos, pois foram inscritos e não se apagam e, por mais que o tempo queira levá-los ao esquecimento, vemos que não é possível.

Em sua escrita encontra-se um sujeito que jamais envelhece. Isso significa que há traços de cada um que não se perdem jamais e não se alteram com a passagem do tempo. Significa ainda que cada um escreve, desenha, pinta, tece, conta ou canta a sua velhice em conformidade com a sua forma de lidar com a vida. A velhice não traz em cena outro sujeito (MUCIDA, 2009, p. 23).

Conforme a autora acima, a velhice é uma escrita, a mesma vai acontecer no campo da memória, que é constituída de traços das experiências vividas, imaginadas ou sentidas. O que revela que há traços que persistem como reais e indestrutíveis, funcionando com uma espécie de reserva e proteção.

A este respeito, aponta Mucida (2009), os traços que não se apagam dão a sensação de que o tempo não passou. É por este motivo que o velho tem a sensação de que eles continuam a existir, mesmo após o tempo ter passado; o que revela uma fuga no passado, que retorna como se fosse atual; é uma tentativa eminente do eu de continuar existindo, “o Eu é um projeto sempre inacabado e para se preservar deve se reconhecer como uma parada, uma ancoragem” (GOLDFARB, 1998, p. 59). Nesta perspectiva, as lembranças que existem do passado são uma tentativa de maquiagem e esconder o real que o presente insiste em mostrar, tenta-se de todas as formas criar um disfarce das perdas.

Nessa vertente, o sujeito na velhice, devido ao tempo, muda a sua relação com sua própria história e com o mundo, envelhecendo sua forma de ver o mundo e de sonhar, através das perdas advindas do envelhecimento. Na realidade, a sociedade é a culpada pela segregação dos idosos, o que abre sequelas para que o envelhecimento seja carregado de preconceitos desfavoráveis e negativos. As marcas do envelhecimento e a subjetividade são inscritas em cada sujeito de uma forma peculiar.

Em face dessa situação, Beauvoir menciona que a imagem da velhice é incerta, contraditória e confusa, sendo singular. A velhice é um declínio, por isto é temida. Para Beauvoir (1986), a velhice acarreta em abatimento físico e uma fadiga; na velhice perdem-se as forças e as paixões. A posição do sujeito é influenciada pelo tempo através de modificações na estrutura, o que acarreta um tipo de organização subjetiva.

Assim, a velhice se torna uma categoria social e, por isto, existem vários tipos de velhices que não se pode igualar. Segundo Beauvoir (1986), o desgaste e o enfraquecimento são causados pela passagem do tempo. O tempo transcorre, constrói memórias, produz subjetividades e cria histórias. A velhice é um destino a ser traçado por cada sujeito.

Deste modo, a velhice se reproduz socialmente como o fim da vida; porém, envelhecer não é só acabar. Portanto, na velhice há vida. É necessário refletir e criticar a posição do idoso na sociedade atual, para que tenha uma velhice bem sucedida, apesar das perdas inevitáveis do envelhecimento. É preciso entender qual é o lugar do sujeito na sociedade, seja qual for sua idade.

3 A NOÇÃO DA VELHICE NO LUTO E NA MELANCOLIA

“O que torna a velhice melancólica é o desaparecimento não de nossas alegrias, mas de nossas esperanças”.

(Jean Paul Ritchen)

A melancolia é conhecida como a dor de ser. Nesta direção, a melancolia não pode ser compreendida, é um vazio de existir. Na melancolia não se tem um objeto concreto, uma dor, não é física, mas da alma. Na realidade, o que caracteriza o ser humano é um entristecimento sem um motivo, o que instaura uma falta que está localizada no eu. Na melancolia, o sujeito se entristece sem saber a causa. O que marca a melancolia é a procura constante do homem por um sentido.

Relevante ao aspecto dessa questão no mundo do idoso, a melancolia tende a ser mais evidente, haja vista que o sujeito, cada vez mais, se percebe um ser – em – falta, ou uma falta – a – ser irremediável. A falta é uma perda que vem da consciência. O idoso sente a melancolia, porém não sabe qual é a sua natureza e nem compreende essa dor que vem do nada e que inscreve um desespero na alma.

A melancolia ocorre por uma falta, tornando-se patológica. Assim, o melancólico sente-se só no mundo, sendo incapaz de amar e de sentir-se amado e sem interesse de realizar qualquer projeto. Por esta razão, na melancolia, a velhice é marcada por um estar triste sem uma referência do mundo externo, ocorre uma falta que é voltada para si, para o eu, fato que abre um furo no psiquismo. O furo no psiquismo é decorrente da perda desconhecida. Assim sendo, esta ferida aberta atrai as energias catexiais, o que torna o eu empobrecido.

No entanto, quanto ao luto, a perda é de um objeto do mundo externo. O luto, segundo Freud ([1917 / 1915] 1996), é constituído de perdas que são atitudes normais da vida. O luto é o afeto normal, o afeto da dor.

Em suma, a perda no luto é consciente, já na melancolia é desconhecida. Neste caso, o luto é próprio de uma perda de natureza real, como por exemplo, o abandono de uma pessoa querida ou sua morte ou uma abstração que ocupe esse lugar, enquanto na melancolia existe uma perda de um ideal; não há clareza e muito menos definição daquilo que se perdera (FREUD [1917 / 1915] 1996).

Assim, a velhice exige um trabalho de luto, por causa da perda do corpo e dos ideais e das dificuldades que surgem com a idade avançada. Neste percurso, destacamos que na velhice existe uma dificuldade a se adaptar a coisas novas, o idoso organiza muito bem as

coisas conhecidas, mas resiste às mudanças, tornando o processo de luto difícil. Sendo assim, sabemos que o luto é um trabalho diante de uma perda que pode ser imaginária ou real, o que pode ser explicado como a perda de um ideal ou de alguém ou até mesmo de um lugar ocupado. Haja vista que, segundo Freud ([1917 / 1915] 1996), no luto não há perturbação da autoestima.

Com esta ressalva em vista, o luto tem a finalidade de fazer o sujeito elaborar a perda e como essa perda aconteceu. O idoso precisa compreender o que perdeu para encontrar outros meios de continuar a sua vida. A partir da perda, é comum o sujeito lamentar-se e chorar, entristecer, revoltar-se e, às vezes sentir-se culpado.

A dor está presente no luto, ao qual estaria remetida a castração. O luto trata da questão de perda, somos inseridos no mundo simbólico por esta relação com a perda. Sob esta ótica, compreendemos que a perda é o objeto de amor perdido, ou seja, a mãe. De toda forma, a perda que fica em nós prevalece durante toda a vida, estamos sempre à procura de objetos substitutivos para tamponar essa perda. Ao perder o objeto de amor, entramos no mundo simbólico.

A partir disto, o sujeito deve realizar o luto daquilo que foi perdido. A dor da falta ocorre após a perda. A perda do idoso pelos entes queridos, perda do trabalho e do convívio social é considerada um luto que, na velhice, precisam ser elaborados. Cocentino e Viana (2011) enfatizam que o luto deve ser vivido simbolicamente nas perdas que sobrevêm ao processo de envelhecimento.

Nesta direção, o idoso é um ser desejante, pois possui a falta; deverá, então, ressignificar sua vida. Esta é a função do luto de agir sobre o simbólico. Por esta forma, o luto traz à tona uma totalidade de significantes, que será de grande utilidade para tratar do vazio da falta. Efetivamente, o luto para o idoso é experimentado no corpo, o qual vai se acabando com o tempo, sendo insuportável para o sujeito, pois ele sofre. Conforme acentuam Cocentino e Viana (2011, p. 596), “o processo de luto é, portanto, frequentemente permeado de dor, sendo constantemente penoso para o sujeito que o vivencia”. O luto pode ser entendido como a perda do objeto amado e por uma substituição do mesmo.

O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não evoca esse alguém –, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele (FREUD, [1917 / 1915] 1996, p. 250).

De qualquer maneira, no luto adota-se um novo objeto. O trabalho de luto tem a característica de afastar todos os pensamentos ligados ao objeto antigo, ou seja, retira-se a libido dele. As perdas no luto devem ser superadas com o tempo. Na velhice, há uma dificuldade em elaborar as perdas, pois se acentuam no real, o sujeito de agora em diante terá que enfrentar as perdas dos seus ideais. Examinando esses princípios, o idoso passa a conviver também com o temor da morte.

Em outras palavras, na atualidade a palavra morte tem sinônimo de temor, algo pesado. De certa forma, a morte hoje não passa de um tema, uma coisa inominável. Bianchi (1993) declara que a morte seria algo de difícil adaptação. Mesmo sendo um fato natural da vida, a morte traz um medo para o sujeito: o real encontro com a sua finitude, pois o sujeito toma a consciência de que não é completo e nem eterno.

Na verdade, nossa sociedade é totalmente consumista e com grande ênfase na individualidade. Talvez seja por isto que a morte, assim como a velhice, não é sequer lembrada e fala-se pouco desses assuntos. Há um temor em relação à morte, esta traz sentimento de desespero e sofrimento, sendo temida pelos homens, pois ela representa o horror, o insuportável. Por conseguinte, em *Nossa atitude para com a morte* nas referências de Freud ([1915] 1996) há que se considerar que o inconsciente não acredita em sua própria morte, considerando-se imortal. O inconsciente é atemporal, não compreende conteúdo negativo e a morte seria negativa. No entanto, o idoso sofre conscientemente ao encarar a morte e ao sentir o seu limite perante a vida.

Na concepção de Bianchi (1993), a morte estaria ligada ao sofrimento, à doença, à decrepitude, ou seja, ao limite da vida. Nesta vertente, na morte, a condição do ser humano é revelada, o idoso se enxerga totalmente desamparado. Em nós, seres humanos, a morte toma esta característica de dor durante o trabalho de luto. Assim, demonstram Cocentino e Viana (2011, p. 597): “as perdas vividas na velhice parecem evidenciar a condição de desamparo do homem e a morte do desejo pode vir a ser temida quando o sujeito vivencia sucessivamente o trabalho de luto”.

Por conseguinte, a melancolia pode ser entendida como a “morte” do idoso que já não vive mais a vida. Podendo ser compreendida como aqueles idosos segregados nos asilos e os que não possuem um sentido para viver e nem amar, pois já perderam tudo: a família, o trabalho, a sociedade, a sexualidade e os papéis que exerciam. Quando a libido não está investida em objetos externos, volta-se para o próprio eu. Neste contexto, a sociedade vê o idoso como um corpo que não tem mais a capacidade de gozar, restando apenas o sofrimento.

Um traço característico da melancolia é que há perda da libido, acarretando uma inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor. Nesta perspectiva, o idoso, ao perder sua autonomia e a identidade como sujeito, de maneira que retira as sua possibilidade de ser, perde o próprio gosto da vida. Por isto, promove um sofrimento, um vazio da alma, vivendo angústias sem esperanças e nem sequer desejam mais, pois não elaboraram o luto e então passaram a ser melancólicos, apresentando os seguintes sintomas:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição (FREUD [1917 /1915] 1996, p. 250).

De acordo com o autor acima, o objeto amado não existe mais e a libido será totalmente retirada dele. Na velhice, durante a melancolia o sujeito se vê sem qualquer possibilidade de realização, além de o próprio eu se tornar vazio e pobre. Diante disso, observamos que o idoso vive com uma grande tristeza no seu interior, não encontrando no mundo externo um objeto para substituir a perda. Nesta lógica, devido ser uma perda do interior e, ao mesmo tempo, desconhecida, os idosos já não possuem vontades próprias e sentem-se incapazes.

Ainda assim, o idoso na melancolia pode apresentar o discurso do melancólico, que se manifesta em um pensamento vazio, levando a uma perda de sentido, perturbação da autoestima. Com efeito, o melancólico possui um quadro de inferioridade, perdeu seu amor próprio, esta perda é relativa ao ego. Para Freud ([1917 / 1915] 1996), o melancólico menciona ser mesquinho, desonesto e carente de independência como uma tentativa de não expor à vista as suas fraquezas.

Dito de outra maneira, Cocentino e Viana (2011) esclarecem que o luto termina de forma natural, considerando que a libido se liberta e investe em novos objetos, substituindo o que foi perdido. Para Freud ([1917 / 1915] 1996) quando o trabalho do luto acaba, o eu fica outra vez livre e desinibido. Para Rocha (2011), o trabalho de luto faz surgir novas possibilidades de encontros inesperados, pela pulsão de vida. Neste viés, Rocha (2011) especifica que o envelhecimento é positivo quando prevalece um estado de luto, ao contrário seria um envelhecimento negativo, em que predomina um estado de melancolia. Sendo assim, o autor especifica que o luto apela para a pulsão de vida, já a melancolia para a pulsão de morte, visto que se perde o amor pela vida.

Portanto, na melancolia, o melancólico experimenta a verdade do homem (a falta – a – ser). Pena que a pessoa tenha que adoecer para vivenciar esta verdade (FREUD, [1917 / 1915] 1996). O indivíduo se fixa no objeto perdido pois, não conseguindo ressignificar e nem direcionar a energia libidinal para outro objeto, faz com que a energia psíquica seja direcionada para si mesmo. A razão disto está em caracterizar um eu vazio e sem possibilidade qualquer de realização; logo, o idoso melancólico passa a vivenciar medo e desamparo.

3.1 Um olhar psicanalítico sobre a velhice: dificuldades e possibilidades

Abordaremos a problemática da velhice e da clínica sob a perspectiva da psicanálise. É de se ressaltar que o sujeito não envelhece, malgrado a velhice. O idoso terá na análise a busca de um novo sentido para sua vida. A possibilidade de ressignificação de tudo aquilo que se passou. Sabemos que para o idoso existe uma grande dificuldade em mudanças, ou seja, de adaptação. Na velhice alguns idosos agarram-se aos objetos como uma forma de manter a consistência de si mesmo.

Nesta perspectiva, na clínica psicanalítica o que é primordial para o tratamento é saber qual é a estrutura do paciente. É necessário identificar se o paciente é neurótico, perverso ou psicótico, devem-se realizar as entrevistas preliminares². As informações abaixo se referem à clínica de idosos neuróticos.

O analista conduzirá a análise. Segundo Goldfarb (1998), é comum no meio psicanalítico o desinteresse pelo trabalho com idosos. Segundo a autora, existe uma crença quanto à “não aplicabilidade da teoria a este objeto singular, como se um velho não tivesse mais inconsciente, nem fosse capaz de associar livremente, nem de relatar um sonho, nem falar sobre sua própria vida”(GOLDFARB, 1998, p. 55).

O trabalho de análise é importante pois, através dele, o sujeito adquire o conhecimento daquilo que não sabe e reconhece seus sintomas. Mesmo na velhice, é importante que o sujeito faça uma análise para que venha a lidar melhor com os seus sintomas. Nas postulações de Mucida (2006, p. 182) em relação ao tratamento analítico com

² “O momento das entrevistas preliminares possibilita ao analista situar-se diante do tipo de demanda do entrevistando-analisando em potencial. Nos casos em que o método psicanalítico for constatado como pertinente, ao analista cabe a tarefa de transformar o pedido de ajuda em demanda de análise. (...) As entrevistas preliminares devem, então, considerar tanto a dimensão que situa a indicação da análise como sendo ou não adequada, quanto ao que se refere à motivação do analista para assumir o *lugar de analista* com aquele analisando específico. Assim sendo, é de fundamental importância compreender a dimensão do termo “analisabilidade” adquire numa perspectiva de análise que considera as entrevistas preliminares como um dos momentos indispensáveis na construção do processo de análise” (ROCHA, 2011, p. 20,31).

idosos, temos: “apesar de o sujeito do inconsciente não envelhecer, todas as modificações e perdas advindas com a velhice traçam efeitos sobre o eu, sobre o corpo e sobre os laços sociais que, impondo vários nomes do real, demandam um tratamento”. A perda do corpo que ocorre na velhice deve ser tratada na análise, pois é importante tratar esse real. Sabemos que é através do corpo que o sujeito mantém sua relação com o Outro (MUCIDA, 2006).

Na atualidade, ainda nos deparamos com dificuldades na clínica psicanalítica com idosos, na velhice existe a dificuldade em retirar de certos objetos os investimentos libidinais e também dificuldades de simbolização.

Passado pouco mais de um século, ainda constata-se objeções quanto ao tratamento psicanalítico em idosos. Não raro, considera-se que as pessoas idosas apresentam determinadas características que inviabilizam o tratamento, como adesividade libidinal, isto é, dificuldade em retirar os investimentos libidinais de certos objetos, inércia psíquica e até mesmo dificuldade de simbolização (REIS FILHO e SANTOS, 2007, p. 46).

Destarte, a dificuldade do atendimento psicanalítico com idosos é levá-los a entrar em análise, a se deitar no divã; logo, a conscientizá-los pela responsabilidade sobre o seu sofrimento e pelos seus problemas. Ressaltamos que entrar em análise não é só uma dificuldade de idosos, poucas pessoas são analisáveis, a grande maioria realiza somente uma psicoterapia. Através das entrevistas preliminares, veremos se a demanda se direciona para uma análise ou somente uma psicoterapia.

A análise será importante, pois permitirá ao idoso falar com alguém sobre as questões de sua vida, além de elaborar perdas e construir uma nova trajetória para a sua vida. Mucida (2006, p. 202) enfatiza que “a clínica demonstra que, no sofrimento e na angústia, residem sinais do desejo; muitos sujeitos têm um fecundo trabalho de análise diante desse encontro maciço com o real, desde que possam falar, diante de alguém que os escute”. Por meio da análise, serão trabalhadas questões que podem ser de solidão, abandono, perdas, morte e sua continuação no processo social, ligando a possibilidade de resolver conflitos e aspectos da velhice, o que evidencia que a velhice ainda é tempo de esperança e de amor.

É nessa dinâmica temporal, marcada pela “esperança”, que o envelhecer pode ser vivenciado como conjugação de habilidades exercidas no passado com a capacidade de manter atuais os sentimentos e experiências de amor, amizade, solidariedade, possibilitando o despertar e o sustentar do movimento criativo (ROCHA, 2011, p. 200).

Na análise da escuta, o idoso tem a liberdade de falar sobre si, falar de seus medos, sonhos, angústias e se é possível encontrar a causa dos sintomas, o que é realizado pela

associação livre, a regra de ouro da psicanálise. Na associação livre, o sujeito pode falar tudo o que quiser livremente. Durante o tratamento, cada caso será conduzido de uma forma singular, o que marca a análise é a subjetividade. De acordo com Mucida (2006, p. 182), “a associação livre, dizer tudo que vier à cabeça, permite introduzir o inconsciente, instalando a *situação analítica*”.

No que se refere à clínica com idosos, Abrahão (2008) enfatiza que o trabalho psicanalítico com idosos não apresenta tantas diferenças se comparado ao tratamento com pessoas mais jovens. Nas palavras de Mucida (2006, p.187), “a indicação de um sujeito à análise não diz respeito à idade cronológica, mas à resposta à falta do Outro, se há sofrimento na condução do real e, sobretudo, se há sintomas analisáveis”.

Para iniciarmos uma análise, é necessário ter um demanda, “faz-se necessário escutar a demanda, extrair sua relação com o sintoma, extraindo uma implicação do sujeito com o desejo” (MUCIDA, 2006, p.183). Em relação aos idosos, verificamos que muitas das vezes a demanda é de outrem e não deles, como por exemplo: dos filhos ou do conjugue. A entrada do sujeito em análise acontece quando ele se responsabiliza pelo seu sofrimento, o que torna difícil de acontecer na velhice. Quando o idoso conta e reconta o passado há uma tentativa de atualizá-lo.

A análise tem um papel fundamental para a velhice; ela é, por excelência, o lugar na aposta da atualização do passado. Não importando se o idoso poderá inserir-se ou não na “cura tipo”, não importando o quão frágil ele se apresenta, recontar, retornar aos traços do passado é, muitas das vezes, a única saída que ele tem para atualizá-lo, provocando o enlaçamento com a vida atual (MUCIDA, 2006, p. 199).

O trabalho de análise torna-se importante para o idoso, pois ele reconhecerá seus sintomas: “o importante na direção analítica é tornar o sujeito responsável por sua determinação, e tal indicação é fundamental também na velhice” (MUCIDA, 2006, p. 194). Nesta lógica, na concepção de Mucida (2006, p. 190) compreendemos que, ao escutar “os idosos em análise, depreendemos sua importância na re-ordenação dos traços, no tratamento do real exposto na velhice. Se não é possível modificar os traços inscritos pelo recalque originário, podemos trabalhar com seus derivados”. Neste percurso, para acontecer o tratamento analítico é preciso existir a transferência³.

³ Conforme postulado por Laplanche (2001, p. 514), a transferência “designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre os determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento da atualidade acentuada. É à transferência no tratamento que os psicanalistas chamam a maior parte das vezes transferência, sem qualquer outro qualificativo”.

Enfatizamos, nas palavras de Mucida (2006, p. 188), que “o fundamental na direção do tratamento é o diagnóstico e não a idade daquele que demanda uma análise”. Em concordância com essa autora, o que importa para a entrada em análise é a forma como o sujeito se coloca em relação ao desejo, que não é determinado pela idade e nem pela quantidade de material psíquico. Vemos que “a velhice oferece um momento fecundo de trabalho analítico se, a partir desses encontros com as faces do real, o sujeito busca um saber sobre eles” (MUCIDA, 2006, p. 202). O analista permanece na posição de sujeito suposto-saber.

O desejo do analista, enquanto lugar de endereçamento, por se constituir como Sujeito Suposto-Saber, é o que vai diferenciar seu atendimento dos outros, uma vez que, indiferente das condições físicas do analisante, o analista apostará nele enquanto sujeito capaz de se relacionar melhor consigo mesmo e com o Outro, não importando quanto tempo de vida lhe reste (REIS FILHO e SANTOS, 2007, p. 55).

Deste modo, mediante uma situação de angústia e sofrimento, existe a necessidade do idoso de alguém que o possa escutar e o ajudar a restabelecer seus vínculos. De acordo com Rocha (2011, p. 210), o fim da análise ocorre quando “se instala o luto pela perda das ilusões. Assim, o término de uma análise compreende a separação que o analisando opera em relação ao analista e passa a redirecionar sua demanda de amor para fora da análise”.

Em síntese, na clínica psicanalítica com idosos, o seu tratamento será direcionado a proporcionar ao sujeito possibilidades de ressignificar sua vida. O tratamento permitirá ao idoso dar um novo sentido e um novo significado para a sua vida, para a sua existência. Neste sentido, Mucida (2006, p. 188) afirma que “na análise só existe um sujeito, o sujeito do inconsciente, e este não envelhece”. A subjetividade de cada idoso será construída de uma maneira, o que evidencia que cada caso deve ser conduzido particularmente.

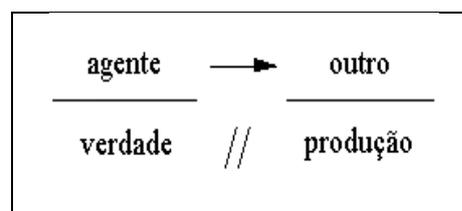
Acima de tudo, na velhice, o inconsciente assume uma forma imutável e não conhece tempo, os traços que nele não se perdem permanecem inalteráveis na velhice. O idoso é um sujeito que fala dos seus medos, das ansiedades, dos sonhos, da sociedade e, acima de tudo, é um sujeito que fala e sente desejo, embora não seja mais desejado. Convém assinalar, ainda que o tratamento será de acordo com as questões trazidas pelo idoso, ressaltando o quanto será importante para o idoso trabalhar questões de perdas que advêm na velhice pelo processo de envelhecimento. A abordagem psicanalítica é significativa para ajudar o idoso a passar pelos momentos de luto ajudando a elaborá-los.

4 A VELHICE NO DISCURSO: FALAR POR SI OU SER FALADO PELO OUTRO?

“Sou para vós, portanto, o enigma daquela que se esquiva tão logo aparece. Homens, vós que sois tão versados em me dissimular sob os ouropéis de vossas conveniências, nem por isso deixo de admitir que vosso embaraço seja sincero. Assinalo que o termo embaraço foi apontado por mim por sua função, numa outra oportunidade. Pois, mesmo quando fazeis de vós meus arautos, não valeis mais ao portar minha bandeira do que essas roupas que vos pertencem e que se parecem convosco, fantasmas que sois. Por onde, afinal, passarei eu em vós, e onde estava eu antes dessa passagem? Talvez um dia eu vo-lo diga. Mas, para que me encontreis onde estou, vou ensinar-vos por que sinal reconhecer-me. Homens, escutai, eu vos revelo o segredo: Eu, a verdade, falo”.

(Jacques Lacan)

Lacan, no seminário 17 (o avesso da Psicanálise) propõe os quatro discursos demonstrados em matemas: primeiro, o do mestre ou discurso de mestria; o segundo, da histórica; o terceiro, do analista e o quarto, o discurso universitário ou do saber. Estes correspondem à intermediação entre o simbólico e o real, ou seja, o papel da fantasia na estrutura psíquica. Os quatro lugares que estes personagens do discurso ocupam são conhecidos como: primeiro do sujeito (agente), segundo da verdade, terceiro do outro e quarto da produção. Na realidade, todo discurso começa a partir de um agente, o qual é movido pela sua relação com a verdade, quando dirigindo ao outro, tem o objetivo de realizar uma produção.



Fonte: LACAN (1969-1970) 1992, p. 161.

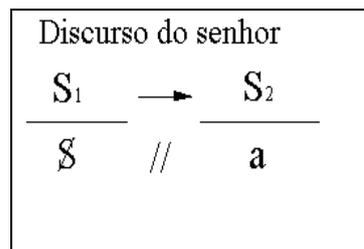
Nesta vertente, existem também quatro elementos que ocupam sua função nesse discurso, a saber: a = objeto a (falta); \$ = sujeito faltante (desejante); S₁ = significante-mestre

do sujeito e $S_2 =$ o saber. Assim, nos discursos, cada par é separado por uma barra, designada por barra do recalque. Por conseguinte, dentro do discurso, existem dois campos: o do sujeito que é constituído pela fala de produção de sentidos e o campo do Outro.

É importante ressaltar que, para Lacan, nenhum discurso se sustenta por muito tempo. Dito de outra maneira, dentro de um vínculo social, a estrutura de um discurso supõe um agente que parte de alguém em direção ao Outro, fazendo uma verdade que condiciona uma produção.

Enfatizaremos agora como é formado cada discurso, começando pelo Discurso do Mestre.

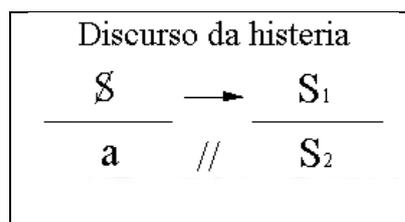
O Discurso do Mestre (Senhor) parte sempre de um significante-mestre. Assim sendo, temos:



Fonte: LACAN (1969-1970) 1992, p. 27.

Por esta forma, o discurso do mestre pode ser entendido de duas maneiras. Na primeira, o mestre fala a partir um significante-mestre (S_1); porém, a sua condição de sujeito desejante ($\$$) fica recalcada. Para que seja produzida uma verdade no campo do Outro (S_2) é necessário que a falta (a) fique recalcada. Na segunda maneira, para se compreender é necessário realizar um giro, temos que o significante-mestre (S_1) aciona um saber (S_2) que produz a falta (a) no campo do Outro, sendo que a verdade é um sujeito barrado ($\$$).

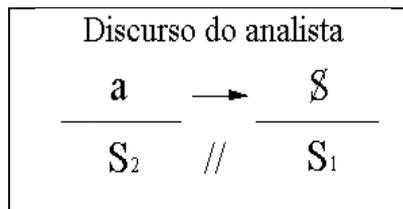
O discurso do histérico, ou do sujeito desejante, podemos dizer que está relacionado a tudo que está na sociedade. Nesta perspectiva:



Fonte: LACAN, (1969-1970) 1992, p. 27.

Observamos que no discurso da histeria, o sujeito desejante (\$) para falar mantém sobre a barra sua falta (a). O significante-mestre (S_1), mantém sobre o recalque o saber (S_2). De outra forma diríamos, o sujeito desejante (\$) aciona no campo do Outro um significante-mestre (S_1), a fim de produzir um saber (S_2); logo, a verdade é uma falta (a).

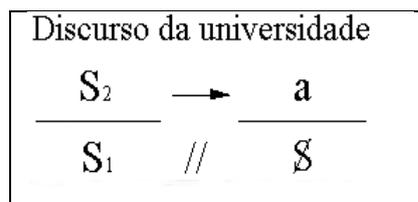
O discurso do analista é também o discurso da falta, notamos que o analista é o sujeito – suposto – saber. Observemos o esquema abaixo:



Fonte: LACAN (1969-1970), 1992, p. 27.

O discurso do analista começa a partir de uma falta (a), conforme visto. Ao analisarmos em blocos, temos: o discurso do analista parte de uma falta (a), mantendo sobre o recalque o saber (S_2), ele não sabe, ocupa o lugar do suposto-saber. No campo do Outro está o sujeito barrado (§), que mantém recalcado o significante-mestre (S_1). Se girarmos, poderemos entender da seguinte forma: o analista (a) aciona a falta no campo do Outro, o sujeito barrado (§), a fim de produzir um significante-mestre (S_1), cuja verdade é um saber (S_2).

Por sua vez, O discurso do universitário, ou discurso do saber:



Fonte: LACAN, (1969-1970), 1992, p. 27.

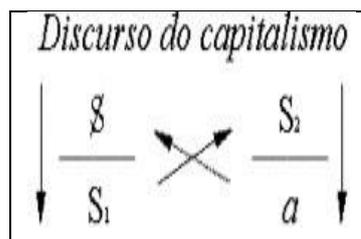
Nesta concepção, seguindo a mesma linha de pensamento, o discurso universitário consiste em que, para falar do saber (S_2), recalca o significante-mestre (S_1), pois existem então vários saberes. Por seu lado, o Outro (a), por ser faltante, recalca sua condição de sujeito desejante (§). Ao girarmos, temos que todo saber (S_2) aciona no campo do Outro uma falta (a), produzindo um sujeito desejante (§); a verdade é um significante-mestre (S_1). Ao discursar, a universidade fala de um saber científico, uma ciência. Uma fala de tal forma organizada que é capaz de interpelar o outro como faltante, ou seja, é capaz de evidenciar a

falta no outro. Ora, quando se vê faltoso, ele passa a ser também desejante. Desejante de encontrar um significante-mestre capaz de organizar o seu saber.

Lacan se espelhou no Nome – do – Pai para introduzir o conceito de sujeito desejante, faltoso. Compreendemos que a criança quando nasce sente-se plena, ela é tudo para a mãe (relação simbiótica). Ela aqui não é barrada, não se inscreveu a falta ainda; a criança é completa (S). O pai chega proibindo, separando a relação simbiótica. Quando o pai diz não para o vínculo entre a criança e a mãe, ele produz uma falta, tornando-a um sujeito desejante (\$) – coloca a Lei. A criança vai procurar outros significantes para substituir essa perda do objeto de amor. O sujeito viverá em uma busca constante, tentando alcançar a plenitude perdida. De fato, o que sabemos é que nunca mais se encontra esse objeto, surgindo a falta que se torna um buraco.

Agora, podemos melhor discutir o tema de velhice com base na teoria dos discursos, que é o Discurso Capitalista. A partir disto, abordaremos como as pessoas são incompletas e infelizes buscando sempre satisfação dentro deste discurso na sociedade atual, propriamente do consumismo. O mercado consiste em promessas e ilusões, como novas formas de gozar.

Está claro que, dentro do Discurso Capitalista está a sociedade de consumidores que desejam incessantemente ter uma vida feliz e cheia de prazeres. O que prevalece aqui é uma exacerbação do consumo, através de uma forma de gozar constante. Vivem somente por uma sensação de bem-estar. Vejamos o matema proposto por Lacan:



Fonte: Rosa (2010, p. 168).

No que concerne ao Discurso Capitalista, pode ser explicitado como: (a) que é o mais-gozar (falta). Começando pelo (a) objeto de mercadoria, que causa o desejo do sujeito (\$). Aqui neste discurso é este objeto que o sustenta. O objeto é a mercadoria. O significante-mestre (S₁) aciona um saber (S₂) da mercadoria. O (S₂) que conhecemos como saber é transformado em mercadoria, o poder é de saber vender e de comprar, além de divulgar a informação. Desta forma, o sujeito barrado (\$) produz o significante-mestre (S₁) como o desejo, aquilo que é preciso e necessário consumir. Quando o significante-mestre aciona um saber (S₂) da mercadoria, o que vigora é o apagamento do sujeito diante da mercadoria. As

relações são mediadas não mais pelo ser, pelo que a pessoa realmente é, mas pelo ter, possuir mercadoria e o poder de trocá-las.

Nestas condições, na sociedade do consumismo as pessoas têm horror em envelhecer. Envelhecer é sinônimo de tristeza e insatisfação dentro dessa sociedade. A expansão do capital gira em torno de supostamente viver com qualidade de vida, viver bem, sempre consumindo, alegre, satisfeito, suprimindo, através das mercadorias, todas as necessidades e os desejos. É oportuno informar que o que realmente importa é a individualidade e a competitividade. A sociedade capitalista consumista traz essa promessa de felicidade. A partir das formalizações de Bolguese (2012, p. 100) é possível compreender melhor que a “beleza e juventude são oferecidos como produtos facilmente acessíveis. São promessas, muitas promessas. Os ideais de qualidade de vida e de saúde estão irreversivelmente atrelados às metas narcísicas de aparência, beleza e juventude”.

A autora também destaca a necessidade de viver completamente, e que é necessário consumir constantemente, sendo proibido envelhecer e inaceitável morrer. A velhice está na contramão da sociedade consumista e da aparência, quando se considera que a maioria dos idosos não consegue seguir esse padrão de vida imposto pelo consumismo.

Em outras palavras, grande parte dos idosos na sociedade consumista está fora do mercado de trabalho e do consumismo. O idoso se tornou um desatualizado àquilo que a sociedade atual valoriza, o que ele sabe já não importa, ficando à mercê do desamparo e do descaso. O idoso então se vê sem alternativas para exercer a sua subjetividade vivendo nessa sociedade. No entanto, há idosos que consomem insensatamente na sociedade consumista. Esses idosos consomem viagens, produtos de estéticas e, para ter qualidade de vida, dentaduras, laxantes, vestuários etc. Movidos pelo desejo de consumir constantemente os idosos adquirem cada vez mais produtos para se satisfazerem.

Na discussão do Conselho Regional de Psicologia, Buaes (2008) retrata a questão dos idosos consumidores, e que tem consumindo exacerbamente a ponto de contrair novas dívidas. O que a autora evidencia é que os números de consumidores idosos têm crescido o poder de consumo gradativamente.

Segundo Buaes (2008), é a mídia que tem aumentado a produção de desejos nos sujeitos. A subjetividade das pessoas é modelada, o sujeito torna-se desejante e é capturado emocionalmente se identificando com os produtos ofertados (BUAES, 2008). Nesta vertente, através do crédito consignado pode-se consumir à vontade de forma fácil e em instantes.

A autora também enfatiza os *folders* que são para chamar o público idoso, como o da Caixa Econômica Federal com a imagem de dois casais idosos sorrindo. Transmitindo

confiança, segurança e alegria para conseguir o crédito consignado, o qual produz no idoso, significado para investir nessas propagandas levando ao consumo antecipado e fora da realidade (BUAES, 2008). De acordo com Buaes (2008), o crédito consignado pode servir como um meio de inclusão social, desde que o sujeito saiba controlar o seu uso para não se endividar.

Antes, todavia, a sociedade era capitalista de produção, ou seja, as pessoas trabalhavam e tinham dedicação pelo trabalho, sua meta era a produtividade, para somente depois, suprirem seus desejos. Na atualidade, a sociedade é capitalista consumista e os desejos devem ser satisfeitos no tempo imediatamente presente.

Bauman (2008), na obra *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, sublinha como a sociedade da contemporaneidade vive somente em favor do consumismo. Todavia, a mercadoria deve ser atraente e desejável e a mercadoria deve trazer a promessa de satisfazer os desejos dos consumidores. Por conseguinte, o capitalismo faz com que haja a eliminação do sujeito em sua singularidade.

No que concerne à sociedade de consumidores, é o sujeito que é transformado em objeto do consumo. Nesta vertente, ninguém pode se tornar sujeito sem antes ter sido mercadoria. Bauman (2008) articula que, nesta sociedade, há a Cultura do Lixo, pois os produtos devem ser usados e descartados rapidamente. Logo, o sujeito deve estar à procura de outro produto melhor, novo e aperfeiçoado e, os produtos velhos, descartados rapidamente.

É indispensável a substituição de mercadorias velhas por novas, principalmente se os objetos velhos causarem insatisfação. Nas palavras de Bauman (2008, p. 31), “a sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando ‘velho’ a ‘defasado’, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo”. O capitalismo almeja que cada vez mais as pessoas estejam sempre consumindo constantemente.

Contudo, a subjetividade na sociedade de consumidores é baseada em compras e nas suas variadas opções. A alegria consiste em adquirir produtos, ou seja, nas compras. Ao contrário, Bauman (2008) menciona que existem efeitos colaterais nessa sociedade que consiste em uma alta probabilidade de frustração, remorso e até dor. Mesmo assim, é indispensável que exista uma frustração dos desejos para haver a demanda de consumo. Neste percurso, as lojas são um alívio de dores e ansiedade.

Na busca pela satisfação dos desejos, surgirão necessidades e vontades novas, conforme Bauman (2008, p. 64), “a sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar *perpétua a não-satisfação* de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade

deles)”. É necessário que essa sociedade consumista nunca satisfaça as necessidades das pessoas, porque senão ela iria à falência.

Nesta direção, ainda com Bauman (2008), as relações de relacionamentos duradouras e boas exigem um esforço enorme, o que se opõe à busca de prazer por meio de objetos de mercadorias. De acordo com que surgem necessidades novas devem também surgir mercadorias. Os bens valiosos na sociedade do consumismo perdem sua atração e são rapidamente depositados no lixo. A vida consiste na pressa. A pressa é o impulso de adquirir e juntar mercadoria, como também a necessidade de descartá-las e substituí-las, quando já não são mais necessárias.

Como decorrência do exagerado consumismo, a felicidade deve ser paga. Nesta linha de raciocínio, o valor característico da sociedade de consumidores é, sem dúvida, a promessa de uma vida feliz. É fantástico como a sociedade de consumo possui a promessa de satisfazer os desejos humanos. As promessas devem ser atraentes e cativantes. De fato, a sociedade de consumidores preza o excesso e o desperdício. As coisas necessitam ser jogadas fora, a fim de abrirem espaços para as novas.

Sem dúvida, a contemporaneidade é um ambiente líquido-moderno, devido à predominância do enfraquecimento dos vínculos humanos e a grande ênfase na individualização. O consumidor nunca tem o bastante e precisa sempre de mais. O que é notável é que a sociedade consumista exerce sua influência desde a infância do sujeito, dirigindo e modificando a individualidade.

Em suma, na referência de Bauman (2008), os pobres são considerados “consumidores falhos” e poderíamos incluir neste grupo a grande parte dos idosos, por não conseguirem acompanhar o consumismo são humilhados e ridicularizados. Os idosos e os pobres são excluídos, sentem-se diferentes, inválidos e abaixo do padrão. O que Bauman (2008) enfatiza é que os consumidores falhos são desnecessários e a sociedade de consumidores estaria melhor sem eles. Ambos, idosos e pobres, são inúteis na sociedade de consumidores, considerados indolentes e destituídos de cartão de crédito. São indesejáveis.

No que tange à caracterização dos vínculos estabelecidos na sociedade de consumidores, são frágeis e leves, haja vista que o consumismo é uma atividade solitária e não emerge de vínculos duradouros. Na sociedade de consumidores, a perfeição é uma qualidade coletiva da massa. As necessidades não podem ter fim, devem ser insaciáveis. As pessoas vivem apenas no presente.

Tal ponto de vista discutido por Bauman (2008) na sociedade de consumidores, o consumismo excessivo é sinal de sucesso, uma estrada que conduz ao aplauso, público e fama

e, dentro da qual possuir certos objetos tem uma condição necessária para a felicidade. A alegria compreende a aquisição de poder comprar constantemente. Os sujeitos devem estar sempre em movimento, a vida dos consumidores não devem se estagnar em aquisição, mas em comprar, desfrutar e jogar fora (BAUMAN, 2008).

Convém citar ainda as seguintes opiniões de Bauman (2007) em *Vida líquida*, segundo as quais necessário é viver para sobreviver e obter o máximo de satisfação. A vida é constituída em obter prazer pelo consumo. Qualquer objeto que cause insatisfação deve ser imediatamente descartado.

Por esta forma, Bauman (2007) cita as estratégias de *marketing* e define o método de satisfazer as necessidades, os desejos e as vontades. Sabemos que as necessidades podem ser entendidas como um estado de falta de alguma satisfação, elas são básicas como a ar, a água e a comida. Neste percurso, os desejos e as vontades são privações de satisfações para realizar as necessidades específicas.

Assim, as pessoas devem satisfazer os seus desejos/vontades com o consumo, através de vários produtos. A população idosa tem crescido acentuadamente em relação ao consumo. As estratégias de *marketing* através das propagandas, promoção de vendas e da mídia têm fomentado o desejo nessa população de consumir cada vez mais. Os idosos consomem variados produtos: telefones celulares, computadores, viagens de luxo, produtos para manter a boa forma e preservar a saúde e remédios. Na contemporaneidade, o mercado é altamente chamativo para cumprir os objetivos do capitalismo, pelo desejo desmedido de comprar. Evidentemente, devido ao ritmo capitalista da vida moderna, surgem manifestações que podemos nomear de novos sintomas. Neste sentido, essas manifestações que ocorrem geram um mal – estar no sujeito.

Assim sendo, essa característica da sociedade atual traz sofrimentos ao idoso, que pode ser definido como o surgimento de novos sintomas, como por exemplo, endividar-se. O sistema capitalista permite que o idoso compre, mesmo sem possuir o dinheiro, através de cartão de crédito e empréstimos. Porém, o sistema capitalista vem cobrar o que foi emprestado. Parece lógico, observamos que alguns idosos se endividam por seguir o consumir, tentando satisfazer seus desejos de maneira fácil e rápida.

Nesta vertente, Bauman (2007) enfatiza que o corpo é uma ferramenta que produz prazer. Notamos jovens e idosos na luta pela boa forma em uma compulsão que nunca termina. Sendo assim, notamos como o mercado é capaz de modificar as relações humanas, tornando-as fracas e líquidas.

Por esta razão, os idosos são impulsionados a encontrar nas lojas soluções para os problemas e alívio para as dores e desamparo. Buaes (2008) afirma que a capacidade de consumir produz mudanças no modo como o sujeito constrói as suas relações e em como ele se percebe. A sociedade de consumo consegue fazer com que a insatisfação seja sempre constante. Esta é a sua finalidade: garantir que toda promessa seja enganosa, haja vista que, sem a frustração dos desejos e vontades, o consumo iria ao extremo fracasso. É indispensável que surjam sempre outros desejos novos.

É importante destacar que a grande maioria dos idosos não consome, pelos seguintes motivos: nem todos possuem condições financeiras para adquirirem cada vez mais produtos e descartá-los, acompanhando o ritmo do consumismo. Por conseguinte, nem todos possuem saúde para satisfazer-se com os bens consumíveis. Assim sendo, muitos idosos são abandonados nos asilos, outros estão em cima de uma cama enfermos, sendo eliminada qualquer possibilidade de gozar com a lógica do capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a sociedade do espetáculo e do consumismo é a mesma. Na sociedade de consumidores/espetáculo, a perfeição é uma qualidade coletiva da massa. Nesta vertente, as necessidades não podem ter fim, devem ser insaciáveis. As pessoas vivem apenas no presente, com a vida no aqui e no agora. Os idosos que não conseguem acompanhar o consumismo são humilhados e ridicularizados, restando apenas a exclusão.

Neste percurso, podemos afirmar que a velhice na sociedade atual é vista com pouco interesse pela população em geral, constituindo-se em temática a ser evitada. Neste contexto, a velhice pode significar algo de diabólico que, ao ser nomeada, provoca medo e rejeição. Na sociedade de consumo – aqui designada por sociedade do espetáculo – o idoso é visto como um estranho, um estranho desconcertantemente familiar.

Na verdade, a maioria dos idosos são tratados como diferentes e inválidos por estarem abaixo do padrão do espetáculo/consumismo. Os idosos que não consomem dentro dessa sociedade são desnecessários e a sociedade de consumidores afirma que estaria melhor sem eles. Estes idosos são vistos como inúteis na sociedade de consumidores, sendo considerados apáticos.

Desenvolvemos, neste trabalho um pertinente diálogo entre a sociedade do espetáculo e a sociedade dos consumidores, juntamente com o tema velhice no processo do envelhecimento. Na sociedade do espetáculo/consumidores, o consumismo excessivo é sinal de sucesso, uma estrada que conduz ao aplauso, público e fama. Os vínculos, assim como os relacionamentos estabelecidos na sociedade de consumidores/espetáculo são frágeis e leves, haja vista que ambos realizam uma atividade solitária e, por isto, não emergem vínculos duradouros.

Em vias de conclusão deste trabalho, destacamos que a imagem da velhice não é valorizada culturalmente, pois não traz perspectivas de novas acumulações de bens consumíveis, mas define-se como momento de despojamento dos orgulhos que caracterizam a juventude. Na velhice, o corpo aparece como uma realidade não condizente com a imagem idealizado do corpo perfeito propalada pela sociedade. Deste modo, histórias de desprezo e de abandono são constantes e não raras no processo social.

A pesquisa realizada e os resultados obtidos apresentam a sociedade como a responsável pela segregação dos idosos – assim como o é de outros grupos humanos –, sustentando com preconceitos e estigmas as práticas segregacionistas. Para a sociedade consumista, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual não se pode

falar. Na realidade social, deparamo-nos com uma total inaptidão em receber o cidadão fora da lógica consumista preconizada pelo capital. Em face dessa situação, observamos que a população idosa tem consumido cada vez mais, devido a não aceitar ficar excluída da sociedade consumista e a ser contaminada pelas estratégias de *marketing* que impõem impiedosamente o desejo e a vontade acima daquilo que é necessário e básico para se viver bem. Assim, alguns idosos se endividam, não tendo limite do seu próprio consumo. A sociedade consumista é totalmente individualista, competitiva e egoísta, transformando os sujeitos, por meio dos produtos, em apenas objetos que devem consumir a qualquer preço a fim de satisfazerem suas vontades e insatisfações.

Conclui-se, então, que este trabalho, expõe a subjetividade que tem sido massacrada pelo consumismo. Assim sendo, na contemporaneidade, a sociedade consumista pode ser caracterizada como a cultura do lixo. Nesta vertente, na cultura do lixo tudo é jogado fora, seu lema é: compre, desfrute e jogue fora. Na cultura do lixo tudo é descartado rapidamente, assim como as pessoas e as relações.

Efetivamente, é necessário refletir sobre o consumismo e a população idosa, visando à sua melhor integração individual e social em uma sociedade mais justa e humana. Finalmente, de acordo com, este trabalho, enfatizamos que as marcas do envelhecimento e a subjetividade são inscritas em cada sujeito de forma peculiar. A velhice é um destino a ser traçado por cada um. O acolhimento ao idoso recupera as imagens positivas de si mesmo que foram perdidas e é capaz de operar transformações na forma de a sociedade ver a si mesma.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Emily de Souza. O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. In: **Revista da SPAGESP**. São Paulo, vol. 9, p. 57-65, 2008. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702008000100008&script=sci_arttext
 Acesso em: 20/02/2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2007. 151p. Título original: *Liquid life*.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008, 199p. Título original: *Consuming life*
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Título original: *La vieillesse*.
- BIANCHI, Henri. **Eu e o tempo**: psicanálise do tempo e do envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- BOLGUESE, Maria Silvia de Mesquita. Dualidade pulsional: vida, morte e o horror de envelhecer. In: **Psicanálise em trabalho**. São Paulo: Escuta, p. 97-109, 2012.
- BUAES, Caroline Stumpf. Velhos consumidores, novos (super) endividados? Impactos do crédito consignado. In: **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, p.163-174, 2008.
- COCENTINO, Jamille Mamed Bonfim; VIANA, Terezinha de Camargo. A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. In: **Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, vol. 14, pp. 591-600, 2011.
 Disponível em:
http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S180998232011000300017&lng=pt&nrm=iso
 Acesso em: 24/02/2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREUD, Sigmund. A significação antitética das palavras primitivas [1910]. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. XI. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, p. 157-166, 1996. Título original: *Über den gegensinn der urworte*.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia ([1917 / 1915]) In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. XIV. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, p. 245-263, 1996. Título original: *Trauer und melancolie*.
- FREUD, Sigmund. Nossa atitude para com a morte [1915] In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. XIV. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, p. 299-309, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização ([1930 / 1929]). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. XXI. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, p. 73-148, 1996. Título original: *Das Unbehagen in der Kultur*.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. Casa do psicólogo, 1998, 90p.

JORGE, Marco A. Coutinho; FERREIRA, Nadiá P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2005.

KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice: sobre a clínica do envelhecer**. São Paulo: Via Leterra, 2008.

LACAN, Jacques (1969-1970). **O avesso da psicanálise**. O seminário, livro 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992. Tradução de: *Le séminaire de Jacques Lacan, livre XVII: Lenvers de la psychanalyse*.

LAPLANCHE, Jean. Transferência. In: **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, p. 514, 2001. Título original: *Vocabulaire de la psychanalyse*.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1999.

MONTEIRO, Marli P. O tempo foracluído da psicanálise. In: **O tempo da psicanálise**. Salvador: Cógito, n.12, p. 41-46, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792011000100008&script=sci_arttext
Acesso em: 10/02/2014.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice** 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apagam – envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

REIS FILHO, José Tiago dos; SANTOS, Gisela de Carvalho. O desafio da clínica psicanalítica com idosos. In: **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol. 19, n.2, p. 45-55, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652007000200004&script=sci_arttext
Acesso em: 15/02/2014.

ROCHA, Fernando José Barbosa. Seminário 1. Justificativa das entrevistas preliminares. In: **Entrevistas preliminares em psicanálise: incursões clínico-teóricas**. São Paulo: Casa do psicólogo, p. 20,31, 2011.

ROCHA, Fernando José Barbosa. Seminário 10. Entrevistas preliminares com madame x ou “a criança presente”: sobre a psicanálise e o idoso. In: **Entrevistas preliminares em psicanálise: incursões clínico-teóricas**. São Paulo: Casa do psicólogo, p. 189-210, 2011.

ROSA, Márcia. Jacques Lacan e a clínica do consumo. In: **Psicologia clínica**. Rio de Janeiro, v.22, n.1, p. 157-171, 2010.